

# Cosmos Littera

## Estudos de Literatura Comparada



**GERSON ROBERTO NEUMANN**

**FERNANDA BOARIN BOECHAT**

**VÍCTOR MANUEL RAMOS LEMUS (ORGS.)**

editora

**ZO  
UK**

# **Cosmos Littera**

## **Estudos de Literatura Comparada**

**GERSON ROBERTO NEUMANN**

**FERNANDA BOARIN BOECHAT**

**VÍCTOR MANUEL RAMOS LEMUS (ORGS.)**

**PORTO ALEGRE • 1ª EDIÇÃO • 2022**

editora  
**ZO**  
**UK**

2022 © Gerson Roberto Neumann, Fernanda Boarin Boechat e  
VÍCTOR Manuel Ramos Lemus

Projeto gráfico e edição: Editora Zouk  
Revisão: Tatiana Tanaka

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
de acordo com ISBD  
Elaborado por Odílio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949**

C834

Cosmos Littera [recurso eletrônico]: estudos de literatura comparada /  
organizado por Gerson Roberto Neumann, Fernanda Boarin Boechat, VÍCTOR  
Manuel Ramos Lemus. - Porto Alegre, RS : Zouk, 2022.  
196 p. ; ePUB.

Inclui bibliografia.  
ISBN: 978-65-5778-068-8

1. Literatura brasileira. 2. Crítica literária. I. Neumann, Gerson Roberto.  
II. Boechat, Fernanda Boarin. III. Lemus, VÍCTOR Manuel Ramos. IV. Título.

2022-1451

CDD 869.909  
CDU 821.134.3(81).09

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : crítica literária 869.909
2. Literatura brasileira : crítica literária 821.134.3(81).09



direitos desta edição reservados à  
Editora Zouk  
Av. Cristóvão Colombo, 1343 sl. 203  
90560-004 – Floresta – Porto Alegre – RS – Brasil  
f. 51. 3024.7554

[www.editorazouk.com.br](http://www.editorazouk.com.br)

## **A tradução (cultural) como elemento na sobre-vivência na literatura em movimento: nos des-locamentos, na exofonia, nas literaturas do mundo**

Gerson Roberto Neumann

A tradução de uma obra de uma língua para outra simboliza o ingresso de uma determinada arte, de uma forma de pensar e de ver o mundo em um cenário novo, onde a obra ainda não era lida na língua do local. Isso significa que o leque de possíveis leitores da obra aumenta consideravelmente. O fato de se apresentar a necessidade de tradução de terminada obra dá a entender que já existe um movimento em torno da mesma no contexto da língua de destino que estuda o autor da referida obra e sua ação deverá desencadear o ato da tradução. Traduzir a obra e publicá-la significa que haverá um mercado, mesmo que restrito, para a comercialização da obra. Todos esses elementos, e certamente muitos outros, compõem o cenário da tradução de uma obra. Com isso ainda não se tratou da tradução cultural (entre parênteses no título deste texto), que, por sua vez, amplia, em muito, o fazer tradutório nos movimentos que levam a traduções que se dão em diversos planos – do individual ao coletivo – e de múltiplas formas – não uniformes.

Nesse momento, pretendemos nos “aproximar” da obra do comparatista, romanista, estudioso da literatura Ottmar Ette. Sua obra está sendo traduzida/trazida/transferida para a língua portuguesa, o que é de grande importância para a sua inserção em um novo meio. O que significa traduzir a obra de Ottmar Ette para a língua portuguesa brasileira? Estamos recebendo as palavras de Ette em forma de outras palavras, com as palavras do outro. E usando as palavras do próprio Ottmar Ette, em um artigo da *Revista Humboldt*, n. 101, de 2010, dedicada na sua íntegra à tradução, intitulado “Com as palavras do outro”: “O tradutor diz de outro modo as palavras do outro, mente à risca, fingindo as verdades do outro e transformando-as em outras verdades” (ETTE, p. 19, 2000). A citação traz elementos muito pertinentes no que diz respeito à “transferência” de poder para aquele que se apossa de um texto, pois quer dizer, conforme as palavras de Ette, que recebemos as verdades de Ette e as transformamos em nossas verdades. Suas reflexões acerca da escrita em

movimento, e com isso da busca pela sobre-vivência, são de grande relevância no momento atual em que nos encontramos, de constantes mudanças e mudanças cada vez mais aceleradas devido ao fato de os meios de divulgação as processarem e as liberarem para o consumidor em um novo ritmo e por canais variados. Por outro lado, a medida da velocidade em cada momento histórico, em cada momento de globalização – que Ottmar Ette também aborda de modo muito apropriado, especialmente em seu livro *Transarea. Eine literarische Globalisierungsgeschichte* [Transárea. Uma história literária da globalização] – cada momento de inovação ou de modernização teve seus instantes de choque da e na sociedade: dos navios à vela passamos aos navios a vapor; inventamos o trem (que na literatura foi descrito como monstro por ser rápido demais e incontrolável para nós), projetaram-se aviões e todas as demais formas de se voar, até para fora do planeta. Em breve certamente teremos o teletransporte. A tradução é um movimento, é o ato de transmitir e de passar uma mensagem de uma compreensão para outra. Por isso o movimento introdutório enfatiza o início de tal forma, pois perceber os deslocamentos que fazemos e fazer uma leitura daquilo que vivemos são de suma importância para a compreensão de nós mesmos e disso em que estamos inseridos. O contato com outros meios permite-nos uma leitura do nosso meio e com isso estamos realizando uma forma de tradução pessoal do que é o momento – que é o movimento. E pensar sobre isso é pensar em consonância com a obra de Ottmar Ette.

A partir do exposto acima, propõe-se abordar, neste momento, pontos que se relacionam e que apresentam um diálogo natural com a obra de Ottmar Ette. A migração, ou seja, o des-locamento de um local para outro, faz parte do que compõe o ser humano. Fazemo-lo desde sempre, como seres humanos que buscam por um espaço de vida satisfatório. Com isso, carregamos conosco traços inerentes ao nosso ser e ao nosso modo de ser. Os des-locamentos dão-se de modo individual ou em grupos (de todas as proporções), o que por sua vez tem como consequência uma maior “facilidade” para o que poderíamos chamar de manutenção de tradições culturais em outros espaços ou a perda das mesmas. Assim, já estamos tratando da tradução por parte do migrante *do* novo e da tradução daquilo que traz consigo *para* o novo meio. Cabe aqui uma menção ao capítulo XI da obra *O local da cultura*, de Homi Bhabha, em que aborda “como o outro entra no mundo”, dizendo: “é, ironicamente, o momento, ou mesmo o movimento, desintegrador, da enunciação – aquela disjunção repentina do presente – que torna possível a expressão do alcance global da cultura” (BHABHA, 2007, p. 298). A partir do momento em que esse novo elemento passar a produzir (arte, literatura, música, enfim, qualquer forma de

produção), certamente será possível perceber traços distintos, porém pertencentes e inerentes àquele ser, nessa produção. Complementando os pontos a serem tratados aqui, pretendo trazer à discussão, além do debate em torno do deslocamento, a produção na língua do outro, língua adquirida na fase adulta a partir da migração e exemplos de produção exofônica, repleta de tradução (cultural), oferecendo-nos a oportunidade de reflexão sobre o conceito de *Weltliteratur* e/ou literaturas de mundo.

No que tange à produção dentro de um espaço delimitado por fronteiras (linguísticas), ou seja, a uma produção escrita contemporânea ainda marcada por delimitações, Ottmar Ette traz uma interessante abordagem no capítulo oito de seu livro *Überlebenswissen. Die Aufgabe der Philologie* [*SaberSobreViver: a (o)missão da filologia*], quando nos apresenta a obra *Manuscrito cuervo* [*Manuscrito corvo*], do migrante e escritor atuante entre diferentes meios Max Aub, ao dizer que

[...] diferentemente dos corvos, os seres humanos não dispõem de uma língua universal “ilimitada”, são antes limitados em suas respectivas possibilidades de comunicação. Uma comunicação que ultrapassa barreiras (linguísticas) pressupõe, por conseguinte, a disponibilidade para a tradução, tal como a aquisição de línguas estrangeiras, e o respeito por elas (e suas lógicas). (ETTE, 2015, p. 234)

São diversos os momentos em que Ottmar Ette traz à discussão questões relativas à tradução e isso se explica justamente no seu trabalho que busca a análise de obras que transitam ou se movimentam em áreas de fronteira, que perpassam áreas e não podem ser definidas, portanto, literaturas sem morada fixa. Pois, passando a outra obra relevante do autor, que compõe a trilogia do assim chamado SaberViver, *ZwischenWeltenSchreiben. Literaturen ohne festen Wohnsitz* [*EscreverEntreMundos: literaturas sem morada fixa*], ele diz que “*die Aufgabe der Literatur – wie der Philologie – ist das Hörbar-Machen des längst Verloren geglaubten*” (ETTE, 2005, p. 59); em outras palavras, a função da literatura – assim como da filologia – é tornar audível, é dar voz àquilo que há muito se tomou como perdido.

Muitas são as perdas para aqueles que migram e se deslocam, sobretudo quando se trata de migrações por necessidade, devido a conflitos bélicos ou então a intempéries do clima. Geralmente o ser humano, seguindo as formas de migração de todos os animais, lembrando aqui novamente do livro de Max Aub, *Manuscrito Corvo*, desloca-se de seu local de conforto devido a necessidades, como as temos hoje do continente africano para a Europa, por exemplo,

formando assim novas paisagens (linguísticas, alimentares, musicais, arquitetônicas, geográficas, literárias etc.).

Os deslocamentos, as migrações, são os movimentos que causam mudanças no contexto em que ocorrem. As rotas de viajantes, as rotas comerciais são marcadas pelas passagens daqueles que chegam, param e se vão. A figura do caixeiro-viajante foi marcante em muitas regiões do Brasil por muito tempo. Assim, há diversos outros viajantes que passam por lugares e deixam marcas. Por outro lado, aquele que passa também é marcado por locais, pessoas, natureza por onde transita. São muitas as figuras de viajantes, passageiros na literatura. Da mesma forma, os marinheiros navegam os mares e aportam em diversos portos. Qual é o local do pouso? Onde param os viajantes? Os movimentos das viagens correspondem aos movimentos das águas que circulam as massas de terra, os continentes e as ilhas.

Por meio das trocas – ou da tradução que se estabelece – com o outro que se encontra nessas passagens e paragens constrói-se um espaço intermediário, de transição. O constante mover-se, que representa a vida, implica contatos das mais diversas formas com aquilo que não é familiar, possibilitando uma visão de mundo mais ampla. Esta, por sua vez, leva aquele que viaja a ver a sua própria realidade, aquele que lhe é familiar, sob um novo prisma. A partir do alargamento da visão de mundo, percebe-se que valores são relativos e estabelecidos a partir do próprio meio.

Voltando a Ottmar Ette, que faz uma (re)leitura das literaturas do mundo nos seus textos críticos, o atual momento apresenta-nos um processo de repensar a literatura, procurando-se fazer uma leitura obrigatoriamente mais ampla do que se entendeu por *Weltliteratur* em outro momento histórico. Para o comparatista alemão,

as literaturas do mundo são polilógicas. O próprio termo “literaturas do mundo” mostra que as formas de produção, de recepção e de distribuição da literatura, em escala planetária, não se alimentam de uma única “fonte”, não são reduzíveis a uma única linha de tradição – como a tradição ocidental, por exemplo (ETTE, 2016, p. 13).

O termo *literaturas do mundo* aponta, ainda segundo Ette,

nesse cenário, não mais para um entendimento mediador, dialógico – na melhor das hipóteses – entre o ocaso e o nascente, entre ocidental e não ocidental, mas para uma compreensão e vivência polilógicas de um saber que jamais pode ser reduzido a uma lógica única. A *Weltliteratur*,

defendida por Goethe com tanta veemência e obstinação contra o conceito de literatura nacional, pode ser descrita, sob um ponto de vista atual, como uma época que há muito já transcendeu seu apogeu histórico. (ETTE, 2016, p. 13)<sup>1</sup>

Nesse momento, remeto a uma passagem de uma autora exofônica cada vez mais conhecida no Brasil, com cuja obra me ocupo há bastante tempo e que também é fonte de pesquisa de Ottmar Ette e muitas vezes citada por ele. Falo aqui da autora japonesa Yoko Tawada, que no ensaio “Erzähler ohne Seele” [Narrador sem alma], trata justamente do ser em movimento que escreve:

Sogar die transsibirische Eisenbahn fährt schneller als eine Seele fliegen kann. Ich habe bei meiner ersten Fahrt nach Europa mit der transsibirischen Eisenbahn meine Seele verloren. Als ich dann mit der Bahn wieder zurückfuhr, war meine Seele noch in Richtung Europa unterwegs. Ich konnte sie nicht fangen. Als ich erneut nach Europa fuhr, war sie auf dem Weg nach Japan. Danach bin ich so oft hin- und hergeflogen, dass ich überhaupt nicht mehr weiß, wo meine Seele gerade ist. (TAWADA, 2015, p. 22)<sup>2</sup>

A escritora japonesa Yoko Tawada é um exemplo perfeito de literatura exofônica. Tawada sai do Japão em 1979, aos 19 anos de idade, viajando com o trem transiberiano até a Alemanha. Yoko Tawada sai de uma ilha muito conhecida no mundo, o Japão, e vai para o continente (ou será outra ilha?), passa pela Rússia, um país de dimensões continentais, como muitas vezes se ouve e lê, e que faz parte da Europa e da Ásia. Mas onde começa a Europa?, pergunta-se a autora, ou melhor, narradora com fortes traços autobiográficos. Yoko Tawada brinca e diz que a Europa nem existe no livro *Nur da wo du bist da ist nichts*, na epígrafe. Ela diz: “Na verdade, não se deve dizer a ninguém, mas a Europa não existe”.

Em um texto não ficcional, mas ainda tendo a Europa como tema, podemos ver o texto do sociólogo Zygmunt Bauman, em que se pode perceber um diálogo com a obra de Tawada. Ele coloca:

---

1 Ver ETTE, 2016, p. 13-47, aqui p. 13. Tradução de Cláudia F. Pavan.

2 “Até mesmo o trem transiberiano anda mais rápido do que uma alma pode voar. Na minha primeira viagem à Europa com o trem transiberiano eu perdi minha alma. Quando voltei, minha alma ainda estava a caminho em direção à Europa. Eu não pude pegá-la. Quando retornei à Europa, ela estava a caminho do Japão. Depois disso, voei tantas vezes de um lado para o outro que já nem sei por onde anda minha alma” (tradução nossa).



A Europa geográfica nunca teve fronteiras fixas e é improvável que venha a adquiri-las enquanto a “essência” continuar existindo, já que até agora ela tem “*flutuado livremente*”, apenas frouxamente atada, se é que chega a isso, a algum local determinado. E quando os Estados europeus tentam estabelecer as suas “fronteiras” *continentais* comuns e, para mantê-las, contratam guardas fortemente armados, ao lado de agentes alfandegários e de imigração, percebem que é impossível lacrá-las, torná-las estanques e impermeáveis. Qualquer linha que circunscreva a Europa será um desafio para o restante do planeta e um convite permanente à transgressão. (BAUMAN, 2006, p. 12, grifo nosso)

E voltando a Yoko Tawada, no ensaio “An der Spree” [Às margens do Spree], de outro livro muito importante da autora, *Sprachpolizei und Spielpoliglotten* [Polícia da língua e políglotas jogadores],

estou na Europa. Não sei onde estou. Uma coisa é certa: daqui, o Oriente Médio é bem perto. O local do qual o Oriente Médio fica bem perto chama-se Europa. Quando eu ainda vivia no Extremo Oriente, o Oriente Médio era bem longe. Mas também isso era um engano. O Oriente Médio não estava tão longe do Extremo Oriente quanto se pensava no Extremo Oriente. A rota da seda ligava rapidamente um ponto a outro. Assim, a antiga cidade imperial de Quioto foi construída pelos persas que, cruzando a China, migraram até o Japão. Quioto é portanto uma cidade persa. O Oriente Médio é o local que de todos os lugares fica perto. (TAWADA, 2011, p. 11)<sup>3</sup>

Em outro livro de Yoko Tawada, pode-se ler ainda outra reflexão sobre o que pode ser a Europa dentro dos seus limites, no caso de ela realmente existir.

A Europa não começa em Moscou, começa já antes. Olhei pela janela e vi uma placa do tamanho de uma pessoa, na qual havia duas setas: sob uma delas estava escrito “Europa” e sob a outra “Ásia”. A placa estava no meio do campo como se fosse um agente alfandegário abandonado. “Já estamos na Europa!” gritei para Mascha, que estava tomando chá na cabine.

“Sim, além das montanhas Ural tudo é Europa”, ela respondeu, sem qualquer emoção, como se isso não tivesse importância alguma, e continuou a beber seu chá.

---

3 A tradução do ensaio já foi realizada e em breve o livro deve ser publicado.

Dirigi-me a um francês, o único estrangeiro além de mim no vagão, e contei-lhe que a Europa não começava em Moscou. Ele deu uma risada breve e disse que Moscou NÃO era Europa. (TAWADA, 2014, p. 27-28. Tradução livre nossa)

Na Alemanha, a escritora exofônica Yoko Tawada trabalha em Hamburgo, estuda e faz seu doutorado em Germanística, na Suíça. Hoje ela vive em Berlim. Tawada escreve e publica nas línguas alemã e japonesa, tendo-lhe sido concedidos diversos prêmios, entre eles o Prêmio Kleist (2016), concedido a escritores que divulgam a literatura alemã; a Medalha Goethe (2005); e o Prêmio Adalbert von Chamisso (1996), concedido a autores estrangeiros que escrevem e publicam na Alemanha. Se observarmos os objetivos do Prêmio Chamisso (1996) e o Prêmio Kleist, concedido a Yoko Tawada vinte anos após aquele, podemos constatar que depois de vinte anos Tawada passa a ser uma autora de literatura alemã.

Quanto ao conceito, por literatura exofônica entende-se, citando o trabalho de mestrado *Sonatas em neve: traduzindo a escrita exofônica de Yoko Tawada*, de Lúcia Collischonn de Abreu, “do grego ἔξω, éxō, ‘fora, externo’ e φωνή, fōnē, ‘som, voz’, [...] um termo que vem sendo recentemente utilizado para se referir aos autores que escrevem em uma língua além de seu idioma materno”. E ainda

a noção de exofonia, assim como a de extraterritorialidade, são importantes para a literatura comparada em um contexto como o do século XXI, em que as fronteiras geográficas e linguísticas se mostram mais fluidas, e as noções tradicionais de arte e literatura parecem estar passando por um processo de desconstrução, em que as mais diversas mídias, vozes, linguagens, e idiomas dialogam entre si. (COLLISCHONN DE ABREU, 2017, p. 53)

Ainda em diálogo com a produção exofônica em conexão com o trânsito tradutório na obra de Yoko Tawada, Ottmar Ette vê o movimento na produção da autora como um conjunto de ilhas (*insularium*) em um arquipélago literário. No livro já citado acima, *Transarea. Eine literarische Globalisierungsgeschichte*, segundo Ette, o mar é na obra arquipelagária de Yoko Tawada o elemento que estabelece, simultaneamente, separação e conexão, contudo, mesmo na separação, há elementos em movimento, líquidos, que se relacionam. E Ette afirma sobre Tawada que “como nenhuma outra artista, ela sabe construir nos seus trabalhos um arco tendido que se desenvolve em sempre novas oscilações

transareais entre o arquipélago japonês e o espaço de língua alemã” (ETTE, 2012, p. 300. Tradução livre nossa).

Analisando a forte presença de elementos geográficos na obra da autora, a doutoranda Cintea Richter busca identificar a importância dada pela autora ao movimento da água em redor do continente ou então nas fronteiras que a água pode estabelecer. Segundo Richter, a narradora reflete acerca das fronteiras líquidas do Japão. Quando criança, Tawada imaginava a Terra como uma esfera de água, “na qual nadavam pequenas e grandes ilhas” e que, dessa maneira, não haveria águas estrangeiras nem desconhecidas, sendo todas a mesma água. Essa ideia nos leva a ver o mundo como um grande arquipélago, em que os continentes são ilhas maiores e as ilhas, ilhas menores, estabelecendo assim uma clara relação com o que Ette propõe em relação às literaturas do mundo. A narradora diz:

Às vezes, enquanto dormia, eu ouvia o murmúrio da água que corria sob a ilha principal do Japão. O contorno que circundava a ilha também era feito de água e batia incessantemente em ondas contra as margens. Como alguém pode definir onde começa a água estrangeira quando o próprio contorno é feito de água? (TAWADA, 2014, p. 10. Tradução livre nossa)

Ao analisar outra obra de Yoko Tawada, *Überseezungen*, a qual traz clara referência às águas, Ette traz a tradução à discussão no âmbito de uma literatura arquipelagária, aproveitando-se do jogo que faz a autora japonesa. Já o título oferece diferentes interpretações no momento em que se toma a palavra a partir do aspecto linguístico/tradutório *übersetzen* (*über* – preposição: sobre e *setzen* – verbo: colocar) ou então espacial, *übersetzen*.

O livro *Überseezungen*, publicado em 2002, foi objeto de análise de conclusão de curso de Marianna Ilgenfritz Daudt, no trabalho intitulado *Muitas línguas e muitas almas: língua e tradução na obra Überseezungen de Yoko Tawada*. A obra

reúne 14 contos que abordam as consequências do deslocamento linguístico e geográfico, e os efeitos do ato de viajar ou de mover-se através de fronteiras. Já no neologismo do título, é possível perceber os desdobramentos que a autora atribuirá a tais conceitos: a composição das palavras *Übersee*, que em português poderia ser traduzida por “além-mar” e *Zungen*, respectivamente traduzível por “línguas”, remetem à fonética de *Übersetzung*, que significa “tradução”. Além disso, *Seezunge* significa “linguado”, um peixe que recebe esse nome

(tanto em português como em alemão) em função de sua forma, que lembra uma língua. (DAUDT, 2016, p. 29)

O fato de Yoko Tawada empregar o substantivo *Überseetzungen* em diferentes nuances oferece uma abertura total para diversas interpretações, o que permite impressionantes performances, habituais na obra da autora. Segundo Ottmar Ette, essa escrita no espaço entre e a partir do movimento no espaço entre é um fenômeno profundamente *translingual* como *escreverentremundos*, na medida em que diferentes sistemas linguísticos e mentais não são unicamente entrecruzados, mas mantidos numa relação de um para o outro (ver ETTE, 2012, p. 303s).

A tradução (cultural) é, portanto, um elemento para a sobre-vivência da literatura em movimento e a tradução cultural sobre-vive a partir do movimento. A migração e os deslocamentos levam a produções de textos exofônicos que muitas vezes dificultam qualquer forma de ordenamento, tornando-os textos sem morada fixa ou de uma literatura em movimento. A produção de Ottmar Ette dialoga com textos de autores que muitas vezes se movimentam em áreas fronteiriças, caracterizadas pelo seu pertencimento duplo, nas suas mais variadas nuances, mas por vezes carentes de um pertencimento de fato. A obra de Ottmar Ette é também marcada pela busca de autores que sofreram formas de apagamento, esquecidos em um determinado momento histórico. A análise comparatista do romanista alemão Ottmar Ette permite aproximações muitas vezes pouco praticadas, apesar de necessárias, e é a isso que a leitura dos seus textos nos conduz.

## Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *Europa*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Trad. Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.
- COLLISCHONN DE ABREU, Lúcia. *Sonatas em neve: Traduzindo a escrita exofônica de Yôko Tawada*. Porto Alegre, 2017. Dissertação (Mestrado). Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- DAUDT, Marianna Ilgenfritz. *Muitas línguas e muitas almas: língua e tradução na obra Überseetzungen de Yoko Tawada*. Trabalho de Conclusão de Curso – Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

- ETTE, Ottmar. Com as palavras do outro. *Revista Humboldt*, n. 101, ano 51, München: Goethe Institut, 2000.
- ETTE, Ottmar. *ZwischenWeltenSchreiben. Literaturen ohne festen Wohnsitz*. Berlin: Kadmos, 2005.
- ETTE, Ottmar. *Transarea. Eine literarische Globalisierungsgeschichte*. Berlin/Boston: Walter de Gruyter Verlag, 2012.
- ETTE, Ottmar. Die Transarealität der Literaturen der Welt. Lateinamerika zwischen Europa, Afrika, Asien und Ozeanien. In: KOPF, Martina; SEILER, Sascha (Hg.). *Komparatistische Blicke auf Lateinamerika und Europa*. Heidelberg: Universitätsverlag Winter, 2016. p. 13-47.
- ETTE, Ottmar. *Saber Sobre Viver: a (o)missão da filologia*. Trad. Rosani Umbach e Paulo Astor Soethe. Curitiba: Editora da UFPR, 2016.
- RICHTER, Cinteia. (Des)limiaries geográficos no texto *Às margens do Spree*, de Yoko Tawada. In: IX Colóquio de Linguística, Literatura e Escrita Criativa [recurso eletrônico]: (des)limiaries da linguagem / Pedro Theobald *et al.* (org.). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/colouquio-de-linguistica-literatura-e-escrita-criativa/2016/#!/trabalhos>. Acesso em: mar. 2022.
- TAWADA, Yoko. *Talisman*. Tübingen: Konkursbuch Verlag Claudia Gehrke, 8. Auf. 2015 [1996].
- TAWADA, Yoko. *Nur da wo du bist da ist nichts*. Konkursbuch Verlag Claudia Gehrke, 5. Auf. 2015 [1987].
- TAWADA, Yoko. *Wo Europa anfängt & Ein Gast*. Tübingen: Konkursbuch Verlag Claudia Gehrke, 2014.
- TAWADA, Yoko. *Sprachpolizei und Spielpolyglote*. Tübingen: Konkursbuch Verlag Claudia Gehrke, 2011.